

O GOVERNO DILMA ROUSSEFF E OS DISCURSOS SOBRE CORRUPÇÃO E DESGOVERNO

Alessandra Souza SILVA¹²²

Edvania Gomes da SILVA¹²³

Resumo: Neste trabalho, com base no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso e nas discussões contemporâneas acerca da relação entre mídia e política, analisamos discursos acerca de uma suposta incapacidade de gestão do Governo Dilma Rousseff, postos em circulação em artigos publicados nas revistas *Veja* e *Carta Capital* e nos jornais *El País* e *Folha de S. Paulo*. Verificamos que a imagem do referido governo que circula nos veículos de mídia aqui analisados, afasta-se da imagem de bom governante presente na sociedade atual.

Palavras-chave: Discursivo. Política. Mídia. (Des)Governo.

Abstract: *In this paper, based on theoretical and analytical device of Discourse Analysis and in contemporary discussions about the relationship between media and politics, we have analyzed discourses about an alleged management inability of the Government of Dilma Rousseff, put into circulation in articles published in the magazines Veja and Carta Capital and the newspapers El País and Folha de S. Paulo. We found that the image of the government circulating in the news media here analyzed, moves away from that image of a good ruler in today's society.*

Keywords: *Discourse. Politics. Media. (Mis)Rule.*

¹²² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGLin/ UESB, Vitória da Conquista – Bahia/Brasil, ale.souza01@hotmail.com.

¹²³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGLin/ UESB, Vitória da Conquista – Bahia/Brasil.

Introdução

Este artigo tem por objetivo investigar a discursivização acerca da imagem da presidente Dilma Rousseff em alguns veículos de mídia, no período em que as críticas ao seu governo começaram a ganhar cada vez mais espaço na sociedade. Para tanto, tomamos por *corpus* artigos que se relacionam, em alguma medida, a uma suposta incapacidade de gestão do Governo Rousseff, publicados nas seções *Política e Governo*, da revista *Carta Capital*; nas seções *Brasil*, da revista *Veja* e da versão brasileira do jornal *El País*; e nas seções *Mercado e Poder*, do jornal *Folha de S. Paulo*, todos em suas versões *online*¹²⁴, no período de novembro de 2014 (primeiro mês do Governo Dilma Rousseff após a eleição presidencial – mês em que as críticas ao referido governo tornaram-se mais frequentes na mídia de modo geral) a abril de 2015 (primeiras semanas após duas grandes manifestações populares contra o governo ocorridas já no segundo mandato da presidente).

Optamos por formar o *corpus* a partir de textos postos em circulação na mídia por considerar que esta, além de ser uma instituição legitimada pela nossa organização social, ocupa importante papel na propagação dos discursos e nos permite ter uma visão ampla dos diferentes discursos que circulam na sociedade contemporânea. Concordamos com Possenti (2007), segundo o qual não é possível compreendermos mais nossa sociedade sem considerar, para sua análise, as revistas, os jornais, os *sites*, os *blogs*, pois a mídia “é certamente a palavra que melhor designa a multiplicidade das formas de circulação de discursos” (POSSENTI, 2007, p. 12). Além disso, ao tratarmos de discurso político, é possível afirmarmos que a mídia possui certo protagonismo na veiculação dos mesmos, pois atua também como um agente político, contribuindo diretamente para que determinadas concepções de política e de político passem a circular com maior ou menor ênfase a depender da forma como espetaculariza os fatos relacionados a essas diferentes concepções.

A escolha de mídias *online* se deve, por um lado, à facilidade de acesso para a coleta do *corpus* e ao grande número de textos publicados, tendo em vista que o jornalismo *online* permite a transmissão de notícias em tempo real, possibilitando diversas reportagens atualizadas sobre um mesmo tema em um mesmo dia; e, por outro, à abrangência e à velocidade de circulação dos textos, os quais atingem um público maior e em menos tempo,

¹²⁴ Sites www.cartacapital.com.br, veja.abril.com.br, brasil.elpais.com e www.folha.uol.com.br

tendo em vista que a internet é o meio de comunicação que mais cresce no Brasil e capta a maior parte da atenção dos leitores e consumidores¹²⁵.

Todos os veículos de mídia aqui analisados tratam de informação e atualidades, abrangendo temas diversos como política, economia e cultura. Buscamos, na seleção, contemplar veículos que fossem socialmente atribuídos a lugares de identificação distintos, tendo em vista a necessidade de verificarmos se havia a presença de regularidades discursivas em veículos socialmente atribuídos a lugares discursivos divergentes. A revista *Veja*, criada em 1966 e publicada pela *Editora Abril*, é a revista de maior circulação nacional, e é considerada por alguns setores da sociedade como uma revista politicamente de *direita*; por outro lado, à revista *Carta Capital*, fundada em 1994 e publicada pela Editora Confiança, é socialmente atribuído o título de *revista de esquerda*. Situação semelhante ocorre entre os dois jornais analisados: o jornal *Folha de S. Paulo*, fundado em 1921, e que, desde a década de 1980, é o jornal mais vendido do país entre os diários nacionais de interesse geral, que é considerado como *jornal de direita*; já, ao *El País*, jornal espanhol fundado em 1976 e que ganhou uma versão brasileira em 2013, é reservado o título de jornal de *centro-esquerda*. É válido ressaltar, também, que a escolha dos mesmos e não, por exemplo, de *blogs* nacionalmente conhecidos que tratam de temáticas semelhantes, deve-se ao fato de termos optado por analisar apenas veículos institucionalizados, com corpo editorial etc.

As discussões ora apresentadas se fundamentam na noção foucaultiana de governamentalidade e nas reflexões contemporâneas acerca da relação entre mídia e política. Além disso, o fio condutor de todo o nosso trabalho foi o dispositivo teórico-analítico da Escola Francesa de Análise de Discurso, o que pressupõe que partimos do texto para chegar ao discurso, utilizando as marcas linguísticas e textuais como pistas para identificar o funcionamento dos diferentes discursos materializados nos textos que compõem o *corpus* deste trabalho. Compreendemos o discurso como um efeito de sentido entre locutores, que se materializa na língua e sempre se relaciona com discursos que o antecedem, conforme definido por Pêcheux (1983a). Assim, o discurso é, ao mesmo tempo, uma estrutura historicamente determinada e um acontecimento, isto é, a relação entre uma atualidade e uma memória, pois, até mesmo uma estrutura linguística - aparentemente fechada sobre si mesma,

¹²⁵ De acordo com pesquisa divulgada em 7 de março de 2014 pelo então ministro Thomas Traumann, o internauta brasileiro passa uma média de 3 horas e 39 minutos no computador, mais tempo do que em frente à televisão e apenas 6% do público tem o hábito de ler jornais e revistas impressas. Ver: <http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/132453/Ibope-internet-dispara-jornais-impressos-afundam.htm>.

com uma significação aparentemente rígida, concreta e absoluta – pode mudar sua significação a depender do lugar/campo onde ela figura (PÊCHEUX, 1983a). É nesta perspectiva que analisamos os discursos materializados no *corpus* aqui proposto, considerando-os para além das estruturas fixas da língua por meio da qual se materializam; observando, sobretudo, o que lhe é exterior, a fim de identificar quais os efeitos de sentidos que emergem dos mesmos.

A Governamentalidade e a imagem do bom governante

Com base nos postulados de Michel de Foucault, *governo*, em seu sentido amplo, deve ser entendido na relação com o que era no século XVI, designando a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos (governo das crianças, dos doentes, das famílias, das almas, das comunidades etc.) e não se limitando apenas às estruturas políticas e à gestão do Estado. A ocorrência de tal conceito de Governo, segundo Foucault (1979), emergiu na modernidade, devido ao fato de que “as relações de poder foram progressivamente governamentalizadas, ou seja, elaboradas, racionalizadas e centralizadas na forma ou sob a caução das instituições do Estado” (FOUCAULT, 1979, p. 247). Dessa forma, a constituição da noção moderna de governo se deu a partir da ocorrência da governamentalização do Estado e carrega em si elementos racionalizados de condução e direção dos indivíduos, o que Foucault denomina de governamentalidade.

A governamentalidade, numa perspectiva moderna, relaciona-se com o exercício de gestão das coisas e das pessoas e seu fim último é a população¹²⁶, a qual o Estado deve gerir. Foucault (1978a) define tal termo, ainda, como um dispositivo¹²⁷ de poder administrativo “[...] que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 1978a, p.

¹²⁶ Foucault (1979) chama de população um conjunto de seres humanos reunidos em um mesmo espaço, com base em um copertencimento; este conceito foi construído para dar conta da dimensão coletiva e não mais individual dos homens, os quais deixam de ser corpos segmentados para tornarem-se um único corpo, todavia, um corpo múltiplo, com inúmeras cabeças; a população torna-se um objeto o qual é preciso conhecer para que se possa controlar e é tanto um alvo, como um instrumento em uma relação de poder.

¹²⁷ O dispositivo, para Foucault (1979, p. 364), é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentadas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas”. Em resumo, Foucault assevera que os elementos do dispositivo são o dito e o não dito e que o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses dois elementos.

143). No modelo atual de sociedade, a saber, o modelo neoliberal, a governamentalidade caracteriza-se pela busca por proporcionar condições para uma concorrência econômica verdadeira e eficiente, procurando, para tanto, operar uma ordem social equitativa; e o papel do Estado é o de assegurar a liberdade econômica, protegendo a propriedade privada. De acordo com Foucault, “o problema do neoliberalismo é [...] saber como se pode regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado”. Trata-se, ainda segundo Foucault, de “relacionar, de referir, de projetar numa arte geral de governar os princípios formais de uma economia de mercado” (FOUCAULT, 1978b, p. 181).

Assim, o bom governante na perspectiva da sociedade atual é aquele que cuida para que nada de ruim se abata sobre o Estado; que é capaz de gerir o Estado sem interferir na economia, ao mesmo tempo em que cuida para que haja boas condições de desenvolvimento desta; que proporciona aos indivíduos que governa condições de saúde, educação, moradia, trabalho, a fim de possibilitar que estes possam ser sujeitos de si, controladores de suas próprias vidas e responsáveis por seus sucessos ou fracassos; que sabe e consegue conduzir adequadamente aqueles que estão sob sua liderança, que fazem parte do seu governo etc. Quando um governo começa a sofrer com a insatisfação popular, é sinal de que ele está distanciando-se da imagem de bom governante que circula na sua sociedade. Dessa forma, podemos afirmar, primeiro, que a imagem do Governo Rousseff que está em circulação na sociedade atual, em alguma medida, afasta-se da imagem de um bom governante presente nessa mesma sociedade; e, segundo, que a espetacularização de discursos na/pela mídia que apontam para uma suposta incapacidade de gestão da Presidente Dilma Rousseff contribui para a configuração de uma imagem negativa do referido governo.

Discurso, mídia, espetáculo e política

De acordo com Fonseca-Silva (2008, p. 1), “a mídia pode ser definida como um lugar de memória discursiva¹²⁸ e como um lugar de fabricação espetacular e veiculação dos espetáculos políticos, entre outros”. Dessa forma, segundo a referida autora, uma grande parcela das atividades políticas, hoje, realiza-se, em sua dimensão pública, instituída pelas redes midiáticas (seja na televisão, seja no rádio, seja na internet, seja nas revistas de

¹²⁸ Pêcheux (1983b, p. 52) define *memória discursiva* como aquilo que face a um texto “surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ ([...] os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”.

informação, dentre outras tantas, etc.). Uma explicação possível para tal fato vem do pensamento de Guy Debord (1967), segundo o qual a política se desenrola sob o pano de fundo de sociedades espetacularizadas.

Em 1967, Debord cunhou a noção de *sociedade do espetáculo*, que seria caracterizada pela transformação de tudo aquilo que era vivido em mera representação, em teatralidade; o que era real e autêntico tornou-se ilusão. Todavia, segundo o referido autor, o espetáculo não deve ser compreendido como um conjunto de imagens, mas sim como relações sociais entre pessoas, mediadas por imagens, sendo, portanto, relações de aparência (DEBORD, 1967, p. 14). Além disso, Debord (1967) afirma que o espetáculo é resultado dos modos de produção existentes que atuam a favor do capitalismo e levam ao consumo. Assim, o espetáculo tem sua estrutura baseada na aparência, mostrando somente aquilo que irá despertar desejos de consumo no espectador. Dessa forma, é impossível separar as relações sociais da relação de produção de mercadorias, de modo que, na sociedade do espetáculo, há uma interdependência entre o processo de acúmulo de capital e o processo de acúmulo de imagens. Vale ressaltar, ainda, que, de acordo com o que defende o referido autor, as necessidades dessa sociedade do espetáculo não podem encontrar satisfação senão pela mediação dos meios de comunicação em massa, levando a sociedade a uma era em que mais vale o (a)parecer. Essas mudanças não foram relacionadas apenas à economia e à cultura, pois também ocorreram no plano político.

Nessa perspectiva, de acordo com Courtine (2006), a partir da década de 1970, o discurso político passou por grandes alterações, fazendo com que as falas públicas longas e monológicas dessem lugar a outro tipo: falas públicas mais breves, fluídas, descontínuas, acompanhadas por imagens, com características de um espetáculo, de um *show* midiático. Em outras palavras, em nossa atual sociedade, a política precisa mostrar-se, e a mídia é a responsável por tal tarefa, desempenhando-a como num teatro ou numa novela, como um verdadeiro espetáculo. Assim, como afirma Piovezani Filho (2003), a mídia, ao inserir-se como parte do espetáculo político, passou a buscar uma posição de agente político, com papel determinado dentro desse espetáculo: a ela não basta mostrar os políticos, é preciso, acima de tudo, mostrar ao público o que ocorre nos bastidores do espetáculo político, tomando para si o *dever* de tornar a política *visível* para a sociedade, de mostrar para todos a *realidade*.

Porém, os textos em circulação na mídia não oferecem a realidade, mas sim, uma construção da realidade, possibilitando que o seu leitor produza formas simbólicas de representação da sua relação com a “realidade concreta” (GREGOLIN, 2003). E, como todo discurso, o midiático também é perpassado por uma ideologia, a mídia também fala de algum

lugar discursivo e, por isso, a espetacularização dos bastidores políticos não ocorre de forma isenta. Assim, esse *tornar a política visível* se dá a partir de uma tomada de posição específica sobre o que deve e o que não deve (e, ainda, como se deve) ser “mostrado” ao público. Nessa perspectiva, a mídia atua diretamente na seleção e divulgação dos fatos e atos ocorridos no universo da política, espetacularizando ou silenciando acontecimentos a partir do lugar em que ela está subjetivada e dos discursos que já circulam nesse lugar de subjetivação, por isso a importância de se analisar veículos de mídia que *falem* de diferentes lugares discursivos.

Análise do corpus

Apresentaremos, a partir de agora, a análise de 12 excertos que compõem o *corpus* deste trabalho, destacando algumas escolhas lexicais e observando como os diferentes modos de nomear o referente produzem efeitos de sentido distintos, pois a nomeação é uma das questões centrais quando pensamos na relação entre linguagem e realidade. A escolha de um nome sempre aponta para uma posição, para um lugar de produção, tendo em vista que os nomes significam em relação à memória. Ademais, as relações entre os nomes e os objetos também são de extrema relevância para que possamos compreender a construção dos efeitos de sentido, uma vez que o sentido de uma palavra e/ou enunciado está sempre relacionado a outras palavras e enunciados que funcionam em rede, que se encontram em relação de paráfrase. Os excertos aqui analisados foram separados em três blocos, cada um composto por quatro excertos, de acordo com temas gerais que norteiam suas argumentações, todos relacionados, direta ou indiretamente, à presidente Dilma Rousseff.

(i) O Governo do PT e o escândalo de Corrupção na Petrobrás

O primeiro bloco de excertos se relaciona com o um suposto envolvimento do Partido dos Trabalhadores, doravante PT, partido de Rousseff, no caso de corrupção da Petrobrás.

1. O líder do Partido dos Trabalhadores no Senado, Humberto Costa (PT-PE), teria recebido 1 milhão de reais do esquema de propina e corrupção na Petrobras. Segundo informações do jornal O Estado de S. Paulo, o ex-diretor de Abastecimento da estatal Paulo Roberto Costa explicou que o petista utilizou o dinheiro para a sua campanha em 2010 (*Carta Capital*, seção Política, 23/11/2014, grifo nosso).

Aqui, cabe ressaltar a relação direta que é feita entre o Partido dos Trabalhos e a participação no caso de corrupção da Petrobras. Essa relação é estabelecida quando o sujeito

que, segundo o excerto, recebe a propina é apresentado como *líder do Partido dos Trabalhadores*, uma vez que o nome *líder*¹²⁹ e a expressão nominal *o líder* se relacionam a certa memória segundo a qual o líder é uma espécie de *guia*, e, portanto, de *responsável* pelas atitudes dos liderados. Na contemporaneidade, a expressão *o líder* é muito utilizada, por exemplo, no campo do empreendedorismo, onde o líder é apresentado como aquele que orienta, comanda, etc. Além disso, outra esfera em que a figura do líder é bastante arregimentada é a esfera religiosa. Nesse caso, desde os grandes líderes retratados pela Bíblia até as lideranças de movimentos e grupos religiosos, o líder é sempre um exemplo a ser seguido. Nesse sentido, quando a expressão *O líder do Partido dos Trabalhadores no Senado* é usada para referir o senador Humberto Costa, o qual é apresentado na reportagem como alguém que *teria recebido 1 milhão de reais do esquema de propina e corrupção na Petrobras*, cria-se um efeito de sentido segundo o qual o próprio partido (PT) estaria envolvido no referido esquema de corrupção. Afinal, se o líder está envolvido, os liderados, que o veem como guia, referência, etc., também estão. Ou seja, o efeito é de que se o líder faz algo inadequado, todos os seus liderados o seguem no erro.

Abaixo, temos um excerto no qual a imagem do Governo Dilma Rousseff é filiada a imagem do Partido dos Trabalhadores, exemplo relevante para as análises aqui realizadas:

2. Propina era paga mensalmente a políticos da Lava Jato, acusa Janot

Dinheiro vinha de três diretorias da Petrobras e abasteciam, principalmente, três partidos, o PMDB, o PT e o PP. De 2004 a 2011, na Diretoria de Abastecimento os políticos beneficiados foram os do Partido Progressista (PP), atualmente aliado do Governo de Dilma Rousseff no Congresso. A partir de 2011 foi outra a sigla que recebeu supostamente o dinheiro: o PMDB, também aliado do Governo. De fato, tanto o presidente do Congresso, Eduardo Cunha, como o do Senado, Renan Calheiros, ambos do PMDB, estão na lista, suspeitos de corrupção e de lavagem de dinheiro. Mas os cupins infiltrados na Petrobras não acabam aqui: a Procuradoria Geral da República acrescenta que em outras duas diretorias, a de Serviços e a Internacional, existiam esquemas parecidos de corrupção. A de Serviços beneficiava o Partido dos Trabalhadores (PT), a legenda de Dilma Rousseff (*El País*, seção Brasil, 07/03/2015, grifos nossos).

¹²⁹ O nome “líder”, nesse excerto, refere-se àquele que lidera o Partido dos Trabalhadores em um lugar específico: no Senado. Outros “líderes” também existem em outros espaços, como a presidência do referido partido, a presidência da república (cargo máximo que homem público pode exercer e, portanto, de maior respeito dentro de um partido), ou mesmo, referir-se a alguém sem nenhum cargo específico, mas apenas como lugar de reconhecimento e respeito atribuído a ele por outros, em razão de sua trajetória política. Em todos os casos, não é possível apagar a memória a qual remete tal expressão.

No excerto acima, o enunciador *El País* estabelece uma relação de correferência entre *propina* e *dinheiro*, tendo em vista que elas designam o mesmo referente no discurso. Essa relação atualiza, por meio de uma memória, um efeito de sentido segundo o qual houve recebimento de dinheiro de maneira ilícita para obtenção de alguma vantagem pessoal, o que se configura como uma forma de corrupção. Em seguida, os três partidos mencionados como receptores da “propina” são nomeados por meio de apostos definicionais da seguinte forma: PP– *atualmente aliado do Governo de Dilma Rousseff no Congresso*; PMDB – *também aliado do Governo*; e PT – *a legenda de Dilma Rousseff*. Nos dois primeiros apostos, repete-se o adjetivo *aliado*, indicando uma aliança, um compromisso entre os partidos envolvidos no recebimento ilícito de dinheiro e o governo Dilma Rousseff. Já no último aposto, a expressão nominal definida *a legenda de Dilma Rousseff no Congresso* é usada para nomear o PT, filiando, diretamente, a imagem de Dilma Rousseff à do referido partido. Ao estabelecer tais ligações, por meio dos apostos já citados, cria-se um efeito de sentido segundo o qual há uma relação direta entre o governo Dilma Rousseff e o recebimento ilícito de dinheiro, o que une, em certa medida, o nome da presidente ao caso de corrupção na Petrobrás. Os referidos partidos são novamente nomeados por meio da expressão referencial definida *os cupins infiltrados na Petrobras*. O nome *cupim* realiza a estratégia textual de encapsulamento dos nomes “PP, PMDB e PT”, por meio de uma rotulação, uma vez que oferece uma avaliação dos fatos e eventos descritos. De acordo com Francis (2003, p. 195), *o rótulo indica ao leitor exatamente como esta extensão do discurso deve ser interpretada*. O nome *cupim* diz respeito a um inseto de difícil controle, que se instala em diferentes objetos feitos de madeira (portas, móveis etc.) e os corrói, causando grandes prejuízos. Ao nomear tais partidos como *cupins*, o enunciador *El País*, por meio da atualização de uma memória, cria o efeito de sentido segundo o qual os referidos partidos são como insetos, pragas difíceis de combater, e que destroem a estrutura dos lugares nos quais estão *infiltrados*. A partir de tal rotulação, cria-se, ainda, o efeito de sentido de que a estrutura da Petrobrás estaria comprometida, uma vez que suas bases estariam sendo corroídas por tais partidos.

Vejamos, a seguir, como a filiação Dilma/PT se repete como estratégia de aproximação entre a imagem do governo Dilma Rousseff e a prática de corrupção.

3. Dilma lança pacto contra a corrupção que o PT institucionalizou
Presidente resgata medidas há anos engavetadas, e discursa como se seu partido não fosse um dos maiores beneficiários do esquema do petróleo (Veja, seção Brasil, 18/03/2015, grifos nossos).

O excerto três estabelece, mais uma vez, uma relação de filiação entre PT e governo Dilma Rousseff, pois nomeia o primeiro (PT) como *seu partido* [isto é, partido da presidente]. Já o título da reportagem, *Dilma lança pacto contra a corrupção que o PT institucionalizou*, traz em si um pré-construído¹³⁰ segundo o qual há uma corrupção institucionalizada pelo próprio PT e que essa corrupção é anterior ao “pacto contra corrupção”, lançado pela presidente. Cabe analisar, também, o uso de algumas nomeações. Destacamos a utilização do nome *esquema* para definir o caso de corrupção da Petrobrás, aqui chamado de *petrolão*, o que produz o efeito de sentido de que há uma estrutura organizada e articulada de corrupção instalada na Petrobrás. Por fim, a nomeação do caso de corrupção na Petrobrás como *petrolão* também funciona como um efeito da memória que incide sobre a atualidade, pois, a partir de uma rede semântica, atualiza o efeito de sentido do termo utilizado, remetendo a outros casos de corrupção, como o *mensalão*, e atualizando, por meio da memória discursiva, discursos segundo os quais o partido dos trabalhadores está envolvido, de forma recorrente, em escândalos de corrupção. Analisemos, agora, o excerto a seguir.

4. Vaccari usou gráfica para lavar propina do PT, diz juiz

Condenada por realizar propaganda irregular de Dilma Rousseff em 2010, a Editora Gráfica Atitude recebeu R\$ 1,5 milhão de um dos suspeitos de integrar o esquema de desvios na Petrobras, de acordo com o Ministério Público Federal. Pagamentos feitos entre 2010 e 2013 foram considerados pelo juiz Sergio Moro prova documental decisiva para a decretação da prisão preventiva do tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, na manhã desta quarta (15) (*Folha de S. Paulo*, seção Poder, 15/04/2015, grifos nossos).

Destacamos, em primeiro lugar, o uso do substantivo *propina*. Tal substantivo indica um pagamento ilícito em troca da obtenção de benefícios e reforça, por um efeito da memória sobre a atualidade, o discurso segundo o qual o PT está vinculado à corrupção. Isso porque, o referido substantivo tem por determinante a expressão nominal *do PT*, a qual define *propina*, filiando, assim, o referido partido à corrupção que, como dissemos, liga-se ao nome *propina*. Ao filiar *propina* à expressão nominal *PT*, o enunciador *Folha de S. Paulo* produz uma generalização do efeito de sentido oriundo dessa relação, de forma que não apenas um membro ou grupo do PT é relacionado ao recebimento de propina, mas todos aqueles que fazem parte de tal partido. Verificamos, também, que o primeiro período (o título da

¹³⁰O conceito de “pré-construído”, cunhado por Pêcheux (1975), diz respeito a uma marca em um enunciado de um discurso anterior a ele, em outras palavras, é um já-dito que sustenta cada palavra e/ou enunciado, permitindo que seja realizada a remissão de um dizer a toda uma filiação de outros dizeres. Corresponde, assim “ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1975, p. 164).

reportagem) faz menção ao nome *juiz* como autoridade judicial e, portanto, voz autorizada para fazer acusações, o que garante credibilidade ao discurso veiculado. O período seguinte, por meio do aposto definicional *condenada por realizar propaganda irregular de Dilma Rousseff em 2010*, relaciona a gráfica acusada de pertencer ao escândalo de corrupção envolvendo o PT à imagem de Dilma Rousseff, o que, indiretamente, também filia o sujeito discursivo Dilma Rousseff ao PT. Ao especificar que houve uma condenação por uma ação diretamente relacionada à presidente, o enunciador não só cria o efeito de sentido de que tal condenação já era de conhecimento público e, portanto, de conhecimento do próprio PT, isto é, que o PT sabia que a empresa cometia atos legalmente contestáveis, como também mostra que a presidente pode estar diretamente envolvida no caso de corrupção ligado a referida empresa, uma vez que a referida presidente teve relações anteriores com a empresa. Além disso, Dilma Rousseff é apresentada como alguém que tem conhecimento de um ato ilícito cometido pelos representantes legais da Editora Gráfica Atitude, e que foi, inclusive, beneficiária deste. Por fim, no último período, por meio de uma nomeação, é retomado o sujeito apresentado no primeiro período (João Vaccari Neto), a partir da expressão nominal *tesoureiro do PT*. Ao apresentar tal definição, o enunciador *Folha de S. Paulo* não só relaciona o PT com o caso de corrupção na Petrobrás, como também cria o efeito de sentido segundo o qual as finanças do PT podem estar associadas com o referido escândalo, tendo em vista que o tesoureiro é a pessoa responsável pela movimentação financeira de qualquer empresa ou entidade.

Observamos, no conjunto de excertos apresentados nesse primeiro bloco, que os enunciadores *Veja*, *El País*, *Carta Capital* e *Folha de S. Paulo* estabelecem, de forma recorrente, uma relação entre todos os membros do PT e o caso de corrupção da Petrobrás, de forma generalizada, criando-se o efeito de sentido de que todos os membros do PT são corruptos, ora citando diretamente o *PT*, como ocorre nos excertos 2 e 3, ora fazendo referência a este por meio de uma figura importante dentro do mesmo, como ocorre nos excertos 1 e 4, o que, em ambos os casos, produz um efeito de generalização. Por outro lado, nos excertos 2 e 3 é estabelecida uma filiação entre Dilma Rousseff, o PT e a corrupção, e no excerto 4, esta mesma relação ocorre, de forma indireta, mediada pelo sujeito discursivo João Vaccari Neto.

Passemos, agora, à análise do segundo bloco de excertos.

(ii) Problemas na economia brasileira

Os textos que compõem o segundo bloco estão relacionados a supostos problemas na economia do Brasil, como podemos constatar no excerto cinco, abaixo:

5. O pacote fiscal do governo pressiona uma economia frágil em meio a incertezas globais

A situação está difícil, o mundo atravessa uma crise de duração indeterminada e o Brasil vive claramente um risco seríssimo de recessão, hipótese admitida em relatórios elaborados pelos maiores bancos do País. O complicador do quadro é o ajuste fiscal baixado pelo governo em dezembro, complementado na segunda-feira 19 com o aumento de impostos sobre combustíveis, crédito ao consumidor e importações e mudanças no Imposto Sobre Produtos Industrializados para o setor de cosméticos. [...] Não se sabe como o segundo governo Dilma Rousseff imagina atingir o objetivo pretendido com restrição do crédito de longo prazo para as empresas concedido pelo BNDES, anunciado em rodada anterior, e contração simultânea do crédito ao consumidor. O aumento do investimento público seria a resposta correta, mas nisso não se fala. Todas as fichas são colocadas na esperada retomada do ânimo empresarial, a partir de iniciativas aparentemente contraditórias com esse objetivo (*Carta Capital*, seção Poder, 01/02/2015, grifos nossos).

Na primeira oração, a definição de *economia*, por meio do adjetivo *frágil*, aponta para o discurso de que a economia brasileira está fraca e instável. Além disso, ainda no título, o adjunto adnominal *do governo*, que especifica a expressão *ajuste fiscal*, reforça quem é o responsável por tal ajuste. O termo *ajuste*, mais adiante, é definido, por meio de uma recategorização, como *complicador* para a estabilidade econômica do país: *O complicador do quadro é o ajuste fiscal baixado pelo governo em dezembro*. Assim, a culpa pela complicada situação econômica do país é atribuída diretamente ao governo. Ademais, o enunciado *não se sabe como o segundo governo Dilma Rousseff imagina atingir o objetivo pretendido*, reforçado pela expressão negativa *não se sabe*, aponta para uma desconfiança em relação à capacidade de gestão do referido governo em seu segundo mandato. Mais adiante, a partir do enunciado *O aumento do investimento público seria a resposta correta, mas nisso não se fala*, o enunciador *Carta Capital* sustenta o argumento de que uma resposta diferente da correta foi dada. Dessa forma, o referido enunciador mostra que, de acordo com o discurso materializado na/pela reportagem, a resposta dada pelo governo foi errada. Nesse sentido, o enunciador *Carta Capital* coloca em xeque, mais uma vez, a capacidade de gestão do governo Dilma Rousseff. Abaixo, apresenta-se os problemas na economia como “uma crise econômica”:

6. Quando o Brasil se perdeu?

Em apenas seis anos, o gigante sul-americano passou de uma era próspera e dourada com crescimento econômico acima da média mundial à cruel realidade da crise no Governo. Entre 2003 e 2010, dentro do mandato presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil viveu uma era dourada e cresceu em uma média de 4%, com um pico de 7,5%, em 2010, no epicentro da crise financeira mundial.[...] Hoje em dia, [...] o gigante latino-americano flerta com a recessão econômica, a sua inflação chega a 7,7%, o desemprego sobe, ainda que se mantenha próximo dos 5%, o dólar cada dia está mais caro (a última cotação o colocou em 3,2 reais) e o país vive em uma crise política e um imenso escândalo de corrupção [...] (*El País*, seção Brasil, 15/03/2015, grifos nossos).

A primeira oração do excerto indica, a partir de um pré-construído, que o Brasil está perdido. Essa afirmação diz respeito a uma crise na economia, o que é apresentado e defendido no período seguinte. As escolhas lexicais desse período são bastante indiciárias: *o gigante sul-americano* – para Brasil; *era próspera e dourada* – para situação econômica de 2009; *cruel realidade da crise no Governo* - para problemas na economia em 2015. Todas essas escolhas intensificam a carga semântica dos substantivos aos quais se referem (Brasil, situação econômica de 2009 e realidade econômica de 2015). Assim, o Brasil que está em crise é o gigante sul-americano, que, por ser gigante, deveria ser forte; a situação de 2009 não era apenas estável, mas era dourada e próspera, reforçando o efeito de sentido de grande desenvolvimento, de abundância; por fim, a realidade de 2015 não é só difícil, é cruel para a população. Outrossim, ao estabelecer o contraponto entre *prosperidade econômica* e *crise no governo*, o enunciador *El País* mostra que, além da crise econômica, há uma crise no próprio governo, uma vez que esse é o grande responsável pelos problemas enfrentados na economia. No excerto seguinte, de forma menos direta, também são apresentados argumentos que apontam para essa suposta incapacidade de gestão do governo. Vejamos:

7. Inflação, rombo nas contas públicas, juros altos, arrocho, paralisia econômica: O Brasil paga caro pela imprevidência e o imediatismo de seus governantes (*Veja*, seção Brasil, 04/04/2015, grifos nossos).

O primeiro período do excerto enumera os problemas que, segundo o enunciador *Veja*, afetam o Brasil; tal enumeração funciona textualmente como um aposto que define o que o referido enunciador chama de *pagar caro*. Verificamos, ainda, que na expressão nominal definida *seus governantes*, o pronome possessivo *seus* indica que os governantes referidos no texto são os governantes do Brasil. A partir dos nomes *inflação* e *juros altos*, apresentados no primeiro período, é possível verificar que a *imprevidência* e o *imediatismo* a que o enunciador se refere, dizem respeito especificamente aos governantes da nação brasileira, e não aos

líderes de estados ou de municípios, uma vez que estes não têm responsabilidade direta sobre as medidas de controle inflacionário e de juros. Além disso, a partir da ativação dos nomes *imprevidência* e *imediatismo*, o enunciador *Veja* retoma um pré-construído segundo o qual o atual governo brasileiro age sem gerenciamento e sem planejamento, o que não é uma atitude positiva para um governante. Dessa forma, é possível estabelecer, a partir das nomeações apresentadas no texto, que o governo do Brasil, e nesse caso, a presidente da República, maior responsável pela administração governamental, é responsável pelos problemas enfrentados pelo Brasil e não é capaz de gerir o país com eficiência.

No próximo excerto, vemos como a *crise* é apresentada por meio de dados numéricos.

8. A crise na indústria tem se ampliado [...]. A indústria caiu 9,1% frente a fevereiro de 2014 – maior queda desde julho de 2009, em meio à crise global. [...] Em 12 meses, acumula queda de 4,5% (Folha de S. Paulo, seção Mercado, 02/04/2015, grifos nossos).

Já no primeiro período, o enunciador *Folha de S. Paulo* destaca os problemas enfrentados na economia a partir do enunciado *A crise na indústria tem se ampliado*. Tem-se, nesse enunciado, um pré-construído segundo o qual existe uma crise na indústria. Os dados apresentados são utilizados para reforçar a hipótese da crise. Nesse sentido, a comparação com os anos anteriores, a partir do enunciado *maior queda desde julho de 2009, em meio à crise global*, o qual mostra que em 2009, último ano do governo Lula, o resultado foi ruim por causa da crise global, suavizando a culpado governo da época, cria o efeito de sentido de que há problemas na gestão atual, já que o referido governo não enfrenta nenhuma crise fora do país e mesmo assim permite que a indústria brasileira enfrente uma crise. É possível dizer, então, que os textos que compõem esse segundo bloco, em todos os veículos de comunicação ora analisados, convergem para a criação de um efeito de sentido segundo o qual o Brasil está enfrentando uma crise em sua economia, que é de responsabilidade da presidente Dilma Rousseff e que ocorreu por conta de sua suposta incapacidade de gestão.

A seguir, apresentamos as análises do último bloco de excertos:

(iii) Inabilidade política - crise com os aliados e isolamento:

No terceiro bloco são apresentados trechos de reportagens que materializam discursos segundo os quais o Governo Dilma está isolado e não sabe dialogar com seus aliados, o que resultaria em perdas do referido governo no Congresso, resultando em dificuldades para concretização das ações propostas por ele. Vejamos:

9. Trocas em ministérios evidenciam Dilma isolada e perdida

Quadro da máquina petista, Edinho Silva vai cuidar das verbas de publicidade do governo. Renato Janine Ribeiro será o novo titular da Educação. Ao nomear dois novos auxiliares nesta sexta-feira, Edinho Silva (Comunicação Social da Presidência) e Renato Janine Ribeiro (Educação), Dilma Rousseff deu mais uma demonstração de que segue isolada e incapaz de formar um time que reúna duas características: competência técnica e afinidade pessoal com ela própria (*Veja*, seção Brasil, 27/03/2015, grifos nossos).

Aqui, os adjetivos *isolada* e *perdida* são utilizados para qualificar a presidente Dilma Rousseff. Além disso, no último período do excerto, a expressão “*mais uma demonstração*” indica que outras demonstrações foram dadas. Isso mostra que, para o enunciador do discurso materializado no excerto, o isolamento e a incapacidade de formar um time com as características citadas é algo recorrente. Por fim, a escolha lexical da expressão nominal *máquina petista* para designar o PT, confere a esse partido uma imagem negativa, pois remete a um discurso produtivista, relacionado à produção em série, etc. Dessa forma, ao nomear um membro do referido partido como *quadro da máquina petista*, o enunciador *Veja* faz emergir uma memória ligada a mecanismos de controle de produção, presentes no capitalismo industrial, tais como o taylorismo e o fordismo. Tal memória afronta a própria constituição do PT, que se apresenta como um partido de esquerda, de base marxista e que luta pelos direitos dos trabalhadores. Nesse sentido, além de criticar a suposta inabilidade administrativa da Presidente Dilma Rousseff, o enunciador materializado no excerto faz uma crítica irônica ao Partido dos Trabalhadores, pois mostra que o referido partido se define como um partido de esquerda, mas funciona como uma máquina de formar quadros de políticos, formatados a partir de um *modus operandi*, tal qual ocorria nos modelos taylorista e fordista.

O tom irônico no final do excerto anterior, também pode ser verificado no próximo exemplo, retirado não mais de *Veja*, mas de *Carta Capital*. Vejamos, então, o excerto:

10. [...] Contração do PIB, desemprego, queda da renda, cortes orçamentários, juros nas alturas e o conhecido rosário ultraliberal são apresentados como a maravilha curativa para os males nacionais. Dilma conseguiu um feito de difícil construção: diante de um ataque da direita, consegue ser repudiada pela esquerda. Nenhuma voz de peso – nem mesmo seu antecessor ou membros de seu partido – consegue vir a público defender o kit ultra ortodoxo que apresenta (*Carta Capital*, seção Política, 31/03/2015, grifos nossos).

Esse excerto inicia com um aposto que define o que é apresentado como *a maravilha curativa para os males nacionais*. O pré-construído que sustenta esse enunciado é o de que a nação está sofrendo de *males* que precisam de cura, males estes que estão relacionados,

principalmente, à economia. A expressão *a maravilha curativa para os males nacionais* é uma ironia, pois aponta a relação paradoxal entre os problemas econômicos enfrentados pelo Brasil e as medidas negativas adotadas pelo governo. Assim, nessa expressão, identificamos o princípio da ironia, conforme apontado por Maingueneau (2004). Segundo o referido autor, “no caso da ironia, o enunciador produz enunciado que ele invalida ao mesmo tempo em que fala” (MAINGUENEAU, 2004, p. 178)¹³¹. Dessa forma, ao referir-se *a maravilha curativa*, o enunciador já está invalidando este enunciado. No período seguinte, há o pré-construído de que Dilma está sofrendo um *ataque da direita* e a afirmação de que a própria esquerda, da qual ela também faz parte, rejeita-a. Verificamos, ainda, que o enunciado *Dilma conseguiu um feito de difícil construção* é, assim como o anterior, um enunciado irônico. Nesse caso, a ironia ocorre porque o enunciador *Carta Capital* associa a expressão *conseguiu um feito de difícil construção*, o que, *a priori*, é visto como algo positivo, pois demanda esforço e empenho, a duas expressões negativas: *sofrer um ataque da direita* e *ser repudiada pela esquerda*. Nesse caso, um enunciador E1 apresenta esses dois *golpes* sofridos por Dilma como *um feito de difícil construção* por ser algo que exige bastante esforço, sendo, portanto, avaliado de forma positiva. Mas, há outro enunciador, E2, que não se assimila a esse ponto de vista, mas que mostra, a partir de uma avaliação negativa, que o feito de Dilma Rousseff é de *difícil construção* por ser bastante improvável que um governante consiga ser rechaçado tanto pelos seus opositores quanto por seus próprios aliados. Dessa forma, a ironia se constitui quando o locutor do texto apresenta o ponto de vista de E1, mas, na verdade, concorda com o ponto de vista de E2. Nesse sentido, o excerto sob análise materializa, por meio da ironia, um discurso segundo o qual a presidente Dilma não tem capacidade para aglutinar aliados e faz com que, até mesmo *a esquerda*, seus supostos aliados, repudiem sua forma de governar. De acordo Brait (1996, p. 58),

[...] a ironia pode ser enfrentada como um discurso que através de mecanismos dialógicos oferece-se basicamente como argumentação indireta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como a instauração da polêmica ou mesmo como estratégia defensiva.

Dessa forma, verificamos que o enunciador *Carta Capital* recorre à ironia como estratégia argumentativa para apresentar ao seu coenunciador pistas para a interpretação

¹³¹ Esse conceito de ironia, mobilizado por Maingueneau (2004), é o mesmo que fora, anteriormente, apresentado por Oswald Ducrot, no texto “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”, de 1984.

textual do excerto em questão. Nesse caso, trata-se de uma ironia desqualificadora, a qual coloca em xeque a credibilidade da presidente. Assim, por meio das expressões referencias, dos pré-construídos e das ironias, vemos materializado o efeito de sentido de um isolamento político. Tal isolamento ocorre, ainda segundo o excerto, devido à adoção, pela presidente, de medidas impopulares, aqui nomeadas de *kit ultra ortodoxo*. Salientamos, ainda, que o isolamento político sofrido por Dilma Rousseff dentro do próprio Partido dos Trabalhadores é reforçado no último período do excerto sob análise, no qual lemos que: *nenhuma voz de peso – nem mesmo seu antecessor ou membros de seu partido – consegue vir a público defender o kit ultra ortodoxo que apresenta*. Nesse sentido, a partir da construção da imagem de uma presidente que está isolada e que não tem aprovação nem mesmo dentro do seu próprio partido, o enunciador do excerto questiona a capacidade de gestão da referida governante.

No próximo excerto, vemos, mais uma vez, materializado o discurso segundo o qual Dilma Rousseff está distante de seus aliados. Vejamos:

11. Com um recorde de rejeição e dificuldades de controlar sua base aliada, a presidente Dilma Rousseff está convidando líderes governistas do Congresso para uma reunião nesta terça-feira (7), quando pretende discutir o ajuste fiscal e medidas para retomada do crescimento do país. O encontro deve ocorrer no Palácio do Planalto e representa um aceno da petista a deputados e senadores que cobram maior participação e diálogo com o governo na tomada de decisões (*Folha de S. Paulo*, seção Poder, 06/04/2015, grifos nossos).

No primeiro período do excerto, destacamos o uso do substantivo *recorde*. Tal substantivo indica a superação de tudo o que já foi feito anteriormente no mesmo gênero. Sendo assim, a partir do uso de tal expressão, materializa-se o efeito de sentido segundo o qual Dilma Rousseff enfrenta, na atualidade, a maior rejeição que já teve durante a execução de seus dois mandatos. A partir da expressão *dificuldades de controlar sua base aliada*, há o pré-construído de que há divergências entre Dilma Rousseff e a sua *base aliada*, uma vez que a presidente está tendo dificuldades para controlar a referida base. Esse discurso segundo o qual há divergências entre Dilma e sua base aliada é reforçado pelo enunciado *representa um aceno da petista a deputados e senadores que cobram maior participação e diálogo com o governo na tomada de decisões*, pois aqui há o pré-construído de que os senadores e deputados da base aliada do governo estão insatisfeitos com o espaço que têm na participação do governo. Assim, esse excerto aponta para a existência de uma crise entre Dilma e sua base aliada e, ainda, para uma tentativa de reaproximação da Presidente com a referida base, efeito que se materializa a partir do uso do nome *aceno*. Por último, é válido ressaltar a forma pela

qual a presidente Dilma Rousseff é nomeada no último período, por meio da expressão nominal definida *a petista*, o que reforça a filiação partidária da referida presidente. Assim, o excerto ora analisado aponta tanto para o efeito de sentido segundo o qual a presidente Dilma Rousseff enfrenta problemas de articulação política com a sua própria base aliada, como reforça a ligação direta entre a presidente e o PT. O último excerto desse bloco também aponta, indiretamente, para uma dificuldade de articulação entre Dilma e os aliados do seu governo e, ainda, para uma incapacidade gestora da Presidente. Vejamos:

12. Contra crise, Dilma entrega a articulação política a vice, do PMDB

A presidenta Dilma Rousseff foi buscar dentro do próprio Palácio do Planalto uma solução para seus problemas de articulação política com o Congresso Nacional. Após falhar a tentativa de transferir o ministro Eliseu Padilha (PMDB), da Secretaria da Aviação Civil, para a Secretaria de Relações Institucionais, Dilma optou por entregar a interlocução com a base de seu Governo a outro peemedebista: o vice presidente da República, Michel Temer, que ocupa agora o lugar que foi do criticado Pepe Vargas (PT). A missão de Temer é basicamente pacificar o Congresso Nacional, onde seus companheiros de partido, os presidentes Renan Calheiros (PMDB), do Senado, e Eduardo Cunha (PMDB), da Câmara, têm conduzido pautas à revelia da presidenta (*El País*, seção Brasil, 07/04/2015, grifos nossos).

No enunciado *A presidenta Dilma Rousseff foi buscar dentro do próprio Palácio do Planalto uma solução para seus problemas de articulação política com o Congresso Nacional*, há uma memória, ativada por meio de um pré-construído, de que existem problemas de articulação política da presidente com o Congresso Nacional e de que a presidente não foi capaz de resolver tais problemas. Tal pré-construído é reforçado no próprio título da matéria, que retoma o discurso de existência de uma crise e afirma que *a articulação política* foi entregue a outra pessoa (o vice-presidente, Michel Temer, que é do PMDB). Além disso, ao utilizar o termo *missão*, designando-o, em seguida, como *pacificar*, o enunciador *El País* indica a existência de conflitos que deverão ser sanados por esse novo articulador político, já que a própria presidente não foi capaz de dirimi-los. O termo *conflitos* é definido, no último período, por meio da expressão *seus companheiros de partido, os presidentes Renan Calheiros (PMDB), do Senado, e Eduardo Cunha (PMDB), da Câmara, têm conduzido pautas à revelia da presidenta*. Assim, esse último excerto mostra a falta de articulação entre a presidente e seus aliados e, ainda, a falta de controle dela sobre a sua base, uma vez que, segundo o enunciador *El País*, pautas são discutidas sem a anuência da presidente. Assim, esse excerto mostra não só a dificuldade da presidente Dilma em lidar com a sua própria base, mas também a sua dificuldade em conduzir as decisões de seu governo.

A partir das análises realizadas, foi possível verificar que o conjunto de excertos mostra a existência de discursos segundo os quais a presidente Dilma Rousseff está sofrendo um isolamento político que é reflexo de um descontentamento de sua base com a sua forma de governar e com as medidas adotadas por ela; tal situação de isolamento é recorrente nos quatro excertos analisados nesse bloco. Outrossim, são apresentados problemas de condução do governo, oriundos dessa dificuldade de articulação com a base, que resulta em dificuldades em aprovar medidas na Câmara e no Senado, cujos presidentes são do PMDB, partido da base aliada do governo, ao qual pertence o vice-presidente da República, Michel Temer. Destaca-se, também, que a causa do isolamento político sofrido pela presidente é diferente entre o enunciador *Carta Capital*, revista, como vimos, associada à esquerda, e os demais veículos: enquanto *Carta Capital* tece críticas ao posicionamento do governo, afirmando que as medidas econômicas adotadas por ele são *ultraliberais* e estão afastando os militantes de esquerda do governo Rousseff, os outros três veículos referem-se ao suposto isolamento da presidente como reflexo de sua falta de capacidade de ouvir, articular e dar espaço aos políticos que compõem a sua base aliada no Governo.

Observamos, a partir das análises dos três blocos de excertos que, embora os sentidos possam deslizar de um enunciador para outro, já que cada um dos enunciadores fala de um lugar específico, há uma regularidade em torno de todos os discursos no que diz respeito a um descontentamento com o referido Governo e uma falta de governamentalidade da presidente. Assim, se no bloco um, a filiação direta entre Dilma, o PT e os casos de corrupção aparece com menor ou maior ênfase de acordo com o veículo midiático, é certo que em todos os casos a corrupção é apresentada como um mal que assola o governo Rousseff; se no bloco 2, a crise econômica é relacionada mais às indústrias ou mais aos investimentos em programas de desenvolvimento social, o fio condutor é que o Brasil está passando por problemas em sua economia que são reflexos das decisões do governo; por último, se no bloco 3, por um lado, fala-se de um isolamento da Presidente ocasionado por sua suposta falta de capacidade de articulação e inflexibilidade com sua base no Governo, e, por outro, dá-se maior ênfase ao descontentamento dos militantes de esquerda com a presidente por conta de medidas consideradas *ultra ortodoxas*, o fato é que todos os enunciadores apontam para um distanciamento entre Dilma Rousseff e aqueles que deveriam estar ao seu lado, como reflexo das atitudes da própria presidente.

Considerações finais

Como vimos, existe em circulação na sociedade um discurso sobre o que seria um bom governante, fundamentado a partir da concepção neoliberal de governamentalidade. Ao ir de encontro ao que prescreve tal imagem, um governo passa a ser visto como o seu oposto, isto é, como um mau governo, o que pode levar a um quadro de intensa insatisfação popular. Os doze excertos analisados no tópico anterior, embora discursivizados por veículos de mídia subjetivados em lugares distintos, materializam efeitos de sentido semelhantes, que apontam para um desgoverno, para uma falta de governamentalidade de Dilma Rousseff, uma vez que o papel de um governo na concepção de nossa sociedade atual, segundo efeitos discursivos também construídos historicamente, como vimos, deve ser fomentar o desenvolvimento do país e zelar pelo dinheiro público.

Ademais, a repetição dos mesmos efeitos de sentido, mesmo que reconfigurados, em veículos de mídia que falam de lugares diferentes, possibilita que tais discursos sejam inscritos na memória discursiva da sociedade, contribuindo para a configuração de uma imagem do Governo Rousseff como um mau governo, tendo em vista que, como observa Davallon (2007, p. 25), "para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância". Esses mesmos discursos em circulação na mídia, os quais apontam para um desgoverno de Dilma Rousseff, estão presentes também nos discursos que circulam socialmente entre muitos que tecem críticas ao referido governo. Dessa forma, é possível afirmarmos que, em alguma medida, a espetacularização midiática desses diferentes discursos acerca da incapacidade de governamentalidade da presidente fundamentam os discursos de insatisfação com o atual governo brasileiro e até mesmo os discursos que pedem o *impeachment* de Dilma Rousseff, levando-o a ser considerado um mau governo por uma parcela da sociedade que se identifica com tais discursos.

Referências

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

COURTINE, J-J. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre (*et. al.*). **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes – 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE (*et. al.*). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228. Coleção Clássicos da Linguística.

FONSECA-SILVA, M. C. Entre o verbal e o não verbal: memória e encenação discursiva da corrupção em Veja. In: **XXIII Encontro Nacional da ANPOLL**, 2008, Goiânia. **XXIII Encontro Nacional da ANPOLL - Grupo de trabalho em Análise do Discurso**, 2008. p. 1-3.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. (Orgs.) **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995 [1979], p. 231-249.

_____. **Segurança, território e população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008 [1978a].

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008 [1978b].

GREGOLIN, Maria do Rosario. O acontecimento político na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: _____. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cécília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução: Bethania S. Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997 [1983a].

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi. 5. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2008 [1983b].

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988 [1975].

PIOVEZANI FILHO, Carlos Félix. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, Maria do Rosario (Org.). **Discurso e Mídia: A Cultura do Espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

POSSENTI, S. Uma leitura política. In: FONSECA-SILVA, M. da C. **Poder-saber-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade**. Vit. da Conquista: ed. UESB, 2007.